

O texto a seguir é a transcrição da palestra apresentada no I Congresso Internacional do Centro de Estudos sobre Animais e o Antropoceno, posteriormente publicada como capítulo de livro, e deve ser citado como:

CUNHA, L. C. O sofrimento dos animais selvagens e suas implicações éticas. In: AUBERT, A. C., CHEIM, G. L.; ROSA, M. B. (orgs.). *Caminhos para a Libertaçāo Animal: Coletânea Interdisciplinar Resultante do I Congresso Internacional do Centro de Estudos sobre Animais e o Antropoceno*. Editora Fi, 2023, p. 56-75.

O SOFRIMENTO DOS ANIMAIS SELVAGENS E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS¹

Luciano Carlos Cunha²

INTRODUÇÃO

Esta apresentação tratará do sofrimento dos animais selvagens e de suas implicações éticas. Essa questão foi bastante negligenciada ao longo da história da própria ética animal, mas vem sendo cada vez mais reconhecida como importante nos últimos anos. Existem pelo menos duas visões na base dessa negligência:

- 1) A primeira é a visão de que só temos razões para ajudar os animais selvagens se forem prejudicados direta ou indiretamente por práticas humanas. Segundo essa visão, quando os animais selvagens são vítimas de processos naturais, isso não levanta um problema ético.
- 2) A segunda é a ideia de que, se deixarmos a natureza seguir o seu curso, normalmente os animais terão vidas predominantemente positivas. Como resultado da predominância dessas duas visões, o ativismo da causa animal e os trabalhos em ética animal têm abordado geralmente os danos que os animais sofrem em decorrência de sua exploração (como o seu uso para consumo, vestuário, entretenimento, em experimentos etc.).

Certamente que é extremamente importante combater a exploração animal. Entretanto, nessa apresentação tentarei explicar por que o sofrimento dos animais selvagens decorrente de

¹ Transcrição realizada por Ângela Cristina Fernandes, ativista e fundadora da SOS Bicho.

² Luciano Carlos Cunha é Doutor em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, e coordenador geral no Brasil das atividades da organização Ética Animal (www.animal-ethics.org/pt). Contato: luciano.cunha@animal-ethics.org.

causas naturais é também um problema ético muito importante³.

1. COMO NÃO ENTENDER A QUESTÃO

Por vezes é dito que, quando os animais são vítimas de processos naturais, não há questão ética alguma, pois a natureza não é um agente responsabilizável, e sim, apenas uma série de processos acontecendo. Por exemplo, por vezes é dito o seguinte: "A natureza não é boa ou má: simplesmente é". Segundo essa visão, só devemos ajudar alguém se o prejuízo foi causado por um agente responsabilizável.

Entretanto, trata-se de duas questões distintas⁴: "devemos ajudar as vítimas?" e "quem ocasionou o dano é culpável?". Ainda que não faça sentido culpar uma doença, a queda de uma árvore ou um animal não humano por ter prejudicado alguém, isso não parece fazer com que não devamos ajudar as vítimas. Isso já é totalmente aceito no caso humano. Quando os humanos padecem de doenças, fome, sede ou qualquer outro dano natural, não é dito que, já que os processos naturais não são culpáveis, então não devemos ajudar essas vítimas. A questão ética existe porque nós temos de decidir ajudar ou não (a questão é colocada para nós, e não para os processos naturais). Portanto, o fato de os processos naturais não serem responsabilizáveis não faz com que deixe de existir um problema ético em tal situação.

2. UM RESUMO DAS RAZÕES FAVORÁVEIS A AJUDAR OS ANIMAIS SELVAGENS

Vejamos agora dois argumentos que explicam por que temos razões para nos preocuparmos com os danos de que os animais padecem em decorrência dos processos naturais.

O primeiro argumento afirma que, se realmente nos importamos com os animais, então o que almejaremos é que eles estejam bem. Nesse caso, não veremos diferença moralmente relevante em saber se o dano foi causado por práticas humanas ou por processos naturais. Por exemplo, não faria sentido afirmar que me importo com o bem da minha filha, mas que não a ajudaria se ela for vítima de uma doença naturalmente causada ou de um desastre natural. Em

³ Examino essa questão em detalhes em CUNHA, L. C. *Razões para ajudar: o sofrimento dos animais selvagens e suas implicações éticas*. Curitiba: Appris, 2022.

⁴ Para uma análise detalhada desse ponto, ver SAPONTZIS, S. F. *Morals, Reason and Animals*. Philadelphia: Temple University Press, 1987, p. 230-231. Ver também CUNHA, Ibid., p. 99-110.

outras palavras, o que esse argumento diz é que, se verdadeiramente nos importamos com os animais, vamos querer que eles estejam livres de danos em geral, e não apenas dos danos antropogênicos. Do contrário, o que estariamos buscando seria um ideal de "pureza humana", e não uma preocupação genuína com o bem dos animais.

O outro argumento aponta para o *desvalor intrínseco* do sofrimento. O sofrimento é uma experiência *intrinsecamente* negativa. Ou seja, não precisa ser uma ponte para outra coisa negativa para ser negativo: ele próprio já é negativo. É claro, por vezes o sofrimento é positivo de maneira instrumental. Por exemplo, a dor faz com que evitemos as coisas que nos prejudicam. Nesses casos, o sofrimento não foi bom em si. Foi bom apenas porque ajudou a evitar aquilo que nos prejudica. Mas o sofrimento em si, é algo negativo. Entretanto, o sofrimento é negativo independentemente de ser causado por humanos ou por processos naturais.

O quanto negativo é o sofrimento é algo que depende de sua magnitude. Quanto maior a intensidade e a duração do sofrimento, pior será. Entretanto, isso também não tem nada a ver com a origem do sofrimento ser antropogênica ou natural. Assim, diante de dois sofrimentos de magnitudes diferentes, temos razões para priorizar evitar o de maior magnitude, independentemente de ter tido origem em práticas humanas ou não. Para os animais não importa se o dano foi causado por humanos ou por processos naturais. Assim como acontece conosco, o que desejam é estar livres do dano. Portanto, ao contrário do que por vezes equivocadamente se pensa, a proposta de ajudar os animais selvagens não é uma proposta antropocêntrica, pois visa a realizar interesses que animais de fato possuem: evitar sofrimento e não morrer prematuramente.

Por vezes a proposta de ajudar os animais é acusada de ser arrogante⁵ por intervir em processos naturais ou no território natural. Entretanto, intervenções na natureza com finalidades antropocêntricas ou ambientalistas normalmente não recebem nenhuma acusação de arrogância. Por exemplo, quase todo mundo concorda com a prática da agricultura, com a construção de moradias, escolas, hospitais, bibliotecas e em se proteger contra doenças que são naturalmente causadas. Quando o bem dos humanos está em jogo, a visão padrão é a de que estamos justificados a intervir na natureza para beneficiar os indivíduos.

⁵ Ver, por exemplo, BALDNER, K. Realism and Respect. *Between the Species*, v. 6, n. 1, p. 1-7, 1990.

Além disso, intervenções na natureza para realizar metas ambientalistas, como manter os ecossistemas em certas configurações ou preservar espécies ameaçadas de extinção, também são amplamente aceitas e praticadas há muitas décadas⁶. Inclusive, ajudar os animais selvagens vítimas de processos naturais é algo bem aceito, desde que a meta que se visa alcançar com a ajuda seja antropocêntrica ou ambientalista. Um exemplo é a vacinação de animais selvagens⁷ para preservar espécies raras, ou para proteger do contágio os humanos ou os animais que os humanos visam explorar diretamente. Em outras palavras, a acusação de arrogância só ocorre quando a intervenção tem como meta garantir o próprio bem dos animais. Isso parece mostrar que quem mantém essa posição não é contra intervenções na natureza como afirma, e sim contra a meta de considerar os animais enquanto indivíduos. Entretanto, se o especismo é injustificável, e se há razões para ajudar humanos vítimas de processos naturais, então há igualmente razões para ajudar animais não humanos vítimas de processos naturais.

Se esses argumentos fazem sentido, precisamos rejeitar duas visões: (1) a que mantém que não temos razões para prevenir ou minimizar os danos naturais e; (2) a que afirma que tais razões existem, mas são mais fracas do que seriam se fossem danos antropogênicos equivalentes. Se o que gera razões para evitar danos é o seu teor negativo, então a força dessas razões depende da magnitude do dano, não de sua origem.

Se realmente estamos preocupados com o bem dos animais, nosso objetivo será beneficiar os animais da maneira mais eficiente possível. Para alcançar essa meta, teremos de nos basear na quantidade de dano (morte, sofrimento etc.) que seria possível evitar investindo determinado recurso nesse ou naquele curso de ação. Se dermos peso diferenciado a danos de mesma magnitude em razão de eles terem uma origem antropogênica ou natural, falharemos em alcançar essa meta, pois estaremos negligenciando ou dando uma importância menor a uma quantidade considerável de dano, cuja origem não faz diferença para as vítimas.

⁶ Para uma análise crítica dessas intervenções ambientalistas e do quanto elas prejudicam os animais, ver: HORTA, O. Contra a ética da ecologia do medo: por uma mudança nos objetivos de intervenção na natureza. *Ethic@*, v. 16, n. 1, p. 165-188, 2017. Ver também: Shelton. J. A. Killing Animals That Don't Fit In: Moral Dimensions of Habitat Restoration. *Between the Species*, v. 13, n. 4, 2004. Disponível em: <http://digitalcommons.calpoly.edu/bts/vol13/iss4/3/>. Acesso em: 14 dez. 2020

⁷ Para uma lista de programas de vacinação de animais selvagens, ver: ANIMAL ETHICS. *Introduction to wild animal suffering: A guide to the issues*. Oakland: Animal Ethics, 2020, p. 75-82.

3. COMO OS ANIMAIS SÃO TIPICAMENTE AFETADOS PELOS PROCESSOS NATURAIS

Alguém poderia concordar com os argumentos acima, mas acreditar que a situação dos animais selvagens não é tão urgente quanto a dos animais explorados. Por exemplo, muitas pessoas acreditam que, se os humanos pararem de prejudicar os animais que vivem na natureza, tais animais terão vidas significativas. Claro, a maioria das pessoas reconhece que eles terão episódios esporádicos de sofrimento e, em alguns casos, morrerão prematuramente. Porém, acreditam que isso é a exceção, e que na maioria dos casos os animais estarão minimamente bem. Entretanto, infelizmente a realidade é o oposto disso. Vejamos por quê.

Os animais são prejudicados na natureza de diversas formas. Isso não acontece de forma esporádica, mas sim em uma base diária. São uma constante: desnutrição, fome e sede; doenças; lesões físicas; condições meteorológicas adversas; desastres naturais; conflitos intra e interespecíficos; estresse psicológico e o sofrimento decorrente da dinâmica populacional⁸ (em especial este último, como veremos a seguir, é uma das causas principais de o sofrimento predominar na vida dos animais na natureza). Por vezes as ações humanas aumentam esse sofrimento e essas mortes, mas esse cenário já é assim em decorrência dos processos naturais, e já era assim muito antes do aparecimento dos humanos na Terra. Para entendermos a razão disso, um bom exemplo é perceber como funciona a dinâmica populacional⁹.

Existem animais que possuem poucos filhotes por gestação. Isso torna possível o cuidado parental. Esse é o caso de animais de grande porte, como elefantes, primatas, zebras, leões etc. O investimento no cuidado com os filhotes aumenta a probabilidade de que eles sobrevivam até a idade adulta e tenham uma vida minimamente significativa. Ainda assim, mesmo esses animais estão sujeitos a todas as diferentes formas pelas quais os animais são prejudicados na natureza, mencionadas antes. Entretanto, suas chances de sobrevivência são um pouco maiores, embora esses animais sejam uma pequeníssima minoria na natureza. Porém, quando as pessoas pensam em animais na natureza, tendem a pensar em animais de grande porte (e, especialmente em adultos). Portanto, uma das causas da prevalência de uma visão positiva

⁸ Para uma lista detalhada das formas pelas quais os animais são prejudicados por processos naturais, ver ANIMAL ETHICS, Ibid., p. 16-59 e CUNHA, Ibid., p. 19-34. Ver também: ANIMAL ETHICS. A situação dos animais na natureza. Disponível em: <https://www.animal-ethics.org/a-situacao-dos-animais-na-natureza/>. Acesso em: 22 mar. 2023

⁹ Sobre como a dinâmica populacional afeta o sofrimento animal, ver HORTA, O. Debunking the Idyllic View of Natural Processes: Population Dynamics and Suffering in the Wild. *Télos*, v. 17, p. 73-88, 2010.

sobre as vidas dos animais na natureza é o fato de as pessoas tenderem a pensar em animais que não são representativos da vida padrão.

A gigantesca maioria dos animais sencientes se reproduz maximizando não o cuidado com os filhotes, mas a quantidade de filhotes. Por exemplo, uma rã tem por volta de vinte e cinco mil filhotes por vez¹⁰. Há também animais que têm milhões de filhotes por ninhada, como é o caso do bacalhau, que têm por volta de dois milhões¹¹. O peixe lua, por sua vez, pode produzir trezentos milhões de filhotes por vez¹². Quantidades enormes de descendentes são comuns em peixes, invertebrados, répteis e anfíbios. Essa forma de reprodução maximiza a quantidade de animais que nasce para ter vidas repletas de sofrimento e morrer prematuramente. Vejamos por quê:

Em um período de aproximada constância na população de certa espécie em determinado ecossistema, é possível deduzir a taxa de mortalidade prematura a partir do tamanho da ninhada. Se a população permaneceu relativamente constante durante algumas gerações, isso indica que em média sobreviveram apenas dois indivíduos por ninhada, isto é, um por progenitor (e menos do que isso se os progenitores se reproduzem mais de uma vez ao longo da vida). Todo o restante (milhares ou mesmo milhões, dependendo da espécie) nasce geralmente apenas para experimentar sofrimento intenso e morrer em questão de semanas, dias ou mesmo horas, muitas vezes sem experiência positiva alguma¹³.

Isso mostra que, dada a forma de reprodução predominante, a quantidade de seres que nasce para ter vidas repletas de sofrimento e morrer prematuramente é maximizada pelos próprios processos naturais em níveis gigantescos. Tão gigantescos que tornam até mesmo os números da exploração animal (que mata trilhões de animais por ano) pequena em comparação¹⁴.

4. A OBJEÇÃO DE QUE A SITUAÇÃO NÃO É TÃO RUIM QUANTO PARECE

Uma objeção à conclusão acima aponta que talvez muitos desses ovos sejam destruídos antes

¹⁰ RASTOGI, R. K. et al. Ovarian activity and reproduction in the frog, *Rana esculenta*. *Journal of Zoology*, [s.l.], v. 200, p. 233-247, 1983.

¹¹ Ver HORTA, *Ibid.*

¹² FROESE, R.; LUNA, S. No relationship between fecundity and annual reproductive rate in bony fish. *Acta Ichthyologica et Piscatoria*, [s.l.], v. 34, p. 11-20, 2004.

¹³ Ver HORTA, *Ibid.*

¹⁴ Ver TOMASIK, B. How Many Animals are There? *Essays on Reducing Suffering*, 07 ago. 2019a. Disponível em: <http://reducing-suffering.org/how-many-wild-animals-are-there/>. Acesso em: 04 mai. 2021.

de formarem seres sencientes. Na prática, a quantidade de ovos destruídos antes de formar seres sencientes não parece ser a maioria, mas suponhamos para efeito de argumentação que 90% dos dois milhões de ovos de cada posta de um bacalhau sejam destruídos: os 10% remanescentes já seriam 200 mil indivíduos. Desse modo, mesmo que a vasta maioria dos ovos não chegue a formar seres sencientes, ainda assim a quantidade de seres sencientes que nasceria apenas para sofrer seria gigantesca.

Outra possível objeção consiste em afirmar que esses animais não são sencientes, ou que sentem de maneira menos intensa do que os adultos, por terem cérebros mais simples. Entretanto, temos fortes razões para pensar exatamente o contrário. Principalmente no caso de animais precociais (que é o caso da maioria das espécies ovíparas), seu sistema nervoso já está bastante formado antes de eclodirem dos ovos¹⁵. Ao nascerem, esses animais já conseguem navegarativamente no ambiente em que nascem, o que é essencial para sua sobrevivência, já que em espécies ovíparas, excetuando-se o caso das aves, os filhotes não recebem cuidado parental. Além disso, também precisam ser bastante ativos já dentro do ovo, para conseguirem quebrá-lo na hora da eclosão. Isto é, as evidências fisiológicas e comportamentais sugerem que esses animais são sencientes.

Vários estudos comprovam que os peixes-zebras adultos passam em todos os critérios para a senciência, enquanto seus filhotes, em todas as mesmas situações, respondem aos mesmos estímulos, também indicando senciência¹⁶. Além disso, por razões evolutivas, provavelmente quando filhotes tais animais sentem de maneira ainda mais aguçada, pois isso é crucial para que pelos menos alguns deles sobrevivam e passem sua informação genética adiante. Isto é, parece que há razões para se concluir não apenas que tais animais são sencientes, mas que,

¹⁵ Ver ÉTICA ANIMAL. O desenvolvimento da senciência em animais juvenis. *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 12 abr. 2022c. Disponível em: <https://www.animal-ethics.org/odesenvolvimento-da-senciencia-em-animaais-juvenis/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

¹⁶ HURTADO-PARRADO, C. Neuronal mechanisms of learning in teleost fish. *Universitas Psychologica*, v. 9, p. 663-678, 2010; LOPEZ-LUNA, J.; AL-JUBOURI, Q.; AL-NUAIMY, W.; SNEDDON, L. U. Impact of analgesic drugs on the behavioural responses of larval zebrafish to potentially noxious temperatures. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 188, p. 97-105, 2017a. Ver: LOPEZ-LUNA, J.; AL-JUBOURI, Q.; AL-NUAIMY, W.; SNEDDON, L. U. Impact of stress, fear and anxiety on the nociceptive responses of larval zebrafish. *Plos one*, v. 12, n. 8, 2017b. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0181010>. Acesso em: 20 out. 2021; LOPEZ-LUNA, J.; AL-JUBOURI, Q.; AL-NUAIMY, W.; SNEDDON, L. U. Reduction in activity by noxious chemical stimulation is ameliorated by immersion in analgesic drugs in zebrafish. *Journal of Experimental Biology*, v. 220, p. 1451-1458, 2017c; LOPEZ-LUNA, J.; CANTY, M. N.; AL-JUBOURI, Q.; AL-NUAIMY, W.; SNEDDON, L. U. Behavioural responses of fish larvae modulated by analgesic drugs after a stress exposure. *Applied Animal Behaviour Science*, [s.l.], v. 195, p. 115-120, 2017d; SNEDDON, L. U. Where to draw the line? Should the age of protection for zebrafish be lowered? *Alternatives to Laboratory Animals*, v. 46, p. 309-311, 2018.

além disso, muito provavelmente são capazes de sofrer intensamente.

Poderia ser objetado que esse problema importa pouco, uma vez que esses animais sofrem por pouco tempo, já que morrem muito prematuramente. Há vários problemas com essa objeção.

1) O primeiro é que ela não leva em conta a quantidade de vítimas. Mesmo que sofram por pouco tempo, é ainda uma quantidade astronômica de vítimas.

2) O segundo problema é não levar em conta o dano da morte¹⁷. Se a morte é um dano porque impede o indivíduo de desfrutar aquilo que de positivo experimentaria se continuasse vivo, então quanto mais prematura a morte, maior o dano da morte.

3) Já o terceiro é que, mesmo que tais animais sofram por pouco tempo, isso não mostra que são pouco prejudicados com a vida que tiveram. Quão boa ou ruim é a vida de alguém é algo que precisa ser avaliado levando em conta não apenas a quantidade de eventos negativos, mas também a de eventos positivos. Por exemplo, se esses animais sofressem por pouco tempo mas depois tivessem vários anos de vida positiva, diríamos que suas vidas tiveram, no final das contas, um bom saldo positivo. Entretanto, no caso desses animais, o sofrimento extremo é quase a totalidade das experiências que eles têm na vida (ou mesmo a totalidade, em muitos casos). São, portanto, muito prejudicados por essa situação, seja por não experimentarem quase nada de positivo, seja por morrerem prematuramente, seja por suas vidas serem, literalmente, sofrimento.

5. OBJEÇÕES AMBIENTALISTAS

Algumas objeções à proposta de ajudar os animais selvagens surgem por parte de posições ambientalistas. Isso não deve ser confundido com a preocupação em preservar o ambiente enquanto recurso para os animais. Posições ambientalistas são as que valorizam em si entidades como ecossistemas e espécies, e não o bem dos animais enquanto indivíduos sencientes. Segundo as objeções ambientalistas, desde que a espécie não seja extinta e desde que o ecossistema não seja ameaçado, não há problema em existir sofrimento¹⁸.

¹⁷ Sobre a questão do dano da morte, ver CUNHA, Ibid., p. 61-92.

¹⁸ Ver, por exemplo, CALLICOTT, J. B. Animal Liberation: A Triangular Affair. *Environmental Ethics*, v. 2, n. 4, p. 311-338, 1980.

Um problema com esse tipo de visão é que ela está fundada em uma ideia muito difícil de ser fundamentada: a de que o que importa em si são entidades não sencientes, e não o bem dos indivíduos. Essa ideia é fortemente rejeitada quando as vítimas são humanas (inclusive pela vasta maioria dos próprios ambientalistas). Não é dito, por exemplo, que já que a espécie humana é abundante, então que o sofrimento dos humanos não importa. A predominância do especismo é o que faz com que tal ideia seja amplamente aceita quando as vítimas são animais não humanos.

Além disso, mesmo que assumíssemos para efeito de argumentação que as metas ambientalistas são mais importantes do que o bem dos animais, ainda assim não se seguiria a conclusão de que não devemos ajudar os animais selvagens. Isso é assim porque a maioria dos projetos de ajuda não conflitaria com as metas ambientalistas¹⁹. Tais projetos não extinguiriam espécies e ecossistemas: simplesmente fariam com que houvesse menos sofrimento e mortes prematuras para seus habitantes.

Algumas formas de ajuda poderiam, inclusive, ajudar a alcançar também algumas metas ambientalistas. Por exemplo, os defensores dos animais têm duas fortes razões para apoiar a ajuda a elefantes. A primeira é o bem dos próprios elefantes que seriam beneficiados. Como são animais de grande porte que tem poucos filhotes e oferecem cuidado parental, as chances de terem vidas com saldo positivo se forem ajudados são consideráveis. A segunda é que os elefantes consomem muita vegetação que, se estivesse disponível em maior quantidade, faria com que houvesse um número ainda maior de reproduções naquelas espécies que maximizam a quantidade de seres que nascem apenas para sofrer. Várias espécies de elefantes estão em extinção e, por isso, os ambientalistas podem apoiar ajudar os elefantes por uma preocupação indireta em preservar essas espécies. Assim sendo, programas de ajuda a elefantes contribuiriam tanto para realizar a meta de diminuir o sofrimento dos animais quanto metas conservacionistas. Em resumo, apesar de todas as divergências entre respeito pelos animais e ambientalismo, pelo menos no caso da ajuda aos animais selvagens, parece que haveria bastante espaço para concordância.

¹⁹ Para um exame dessa questão, ver HORTA, O. Concern for wild animal suffering and environmental ethics: what are the limits of the disagreement? *Les ateliers de l'éthique / The Ethics Forum*, v. 13, n. 1, p. 85–100, 2018.

6. A PREOCUPAÇÃO EM TORNAR O CENÁRIO AINDA PIOR

Uma das principais objeções à proposta de diminuir o sofrimento dos animais selvagens é a possibilidade de a tentativa de ajuda, sem querer, ocasionar em longo prazo ainda mais sofrimento do que já existiria naturalmente²⁰. Por exemplo, é frequentemente apontado que nos ecossistemas há uma série de interações complexas e que, por isso, é difícil prever os desdobramentos de consequências em longo prazo.

Apesar de esta ser uma preocupação muito importante, vale observar que não faz sentido, primeiro, dizer que não temos como prever as consequências em longo prazo, e, em seguida, dizer que sabemos que deixar a natureza seguir o seu curso terá melhores consequências em longo prazo.

Em resposta a isso, por vezes é dito que deixar a natureza seguir o seu curso resulta no equilíbrio ecológico e, portanto, em menos sofrimento. Há dois problemas centrais com essa resposta. O primeiro é que a noção de equilíbrio ecológico não é baseada no que é melhor ou pior para os animais. Normalmente, esse conceito diz respeito a saber se alguma coisa (por exemplo, o tamanho das populações em um ecossistema) oscila dentro de uma faixa estabelecida em relação a um instante tomado como ponto de referência. Esse é um conceito que diz respeito meramente ao tamanho das populações, e não aos níveis de bem-estar. Em outras palavras, é possível que uma situação seja equilibrada e seja altamente negativa para os animais afetados (lembremos que em períodos de constância populacional sobrevivem em média apenas dois indivíduos por ninhada).

É possível, ainda, que uma situação seja mais equilibrada do que outra, e seja pior para os animais afetados. Tudo dependerá de se o maior/menor crescimento/declínio das populações ocorre nas espécies que maximizam a quantidade de filhotes ou nas que maximizam o cuidado com os filhotes.

O segundo problema é que deixar a natureza seguir o seu curso não resulta naquilo que

²⁰ Ver, por exemplo, CLEMENT, G. The Ethic of Care and the Problem of Wild Animals. *Between the Species*, v. 13, n. 3, 2003, p. 9. Disponível em: <http://digitalcommons.calpoly.edu/bts/vol13/iss3/2/>. Acesso em: 4 maio 2017.

comumente se entende por equilíbrio ecológico²¹. Na visão comum se imagina que as populações se estabilizam em determinado ponto, com pouca variação ao longo do tempo. Na realidade, entretanto, as populações flutuam enormemente e de maneira bastante irregular.

Outra objeção similar afirma que não deveríamos socorrer os animais que estão morrendo de fome, de sede etc., porque eles não possuem os genes mais adaptados, e isso impediria um melhoramento genético natural das espécies²². Contudo, essa objeção dificilmente seria aceita se fosse levantada em relação a ajudar humanos. Por exemplo, se fosse dito que os humanos que ficam doentes (isto é, todos nós) deveriam ser largados a própria sorte, com o objetivo de que fossem passados adiante apenas os genes mais adaptados, provavelmente isso seria visto como algo repugnante.

Certamente que, se as intervenções não forem bem planejadas, corre-se o risco de deixar a situação ainda pior. Mas, como vimos, não há razões para se pensar que, então, a solução é deixar a natureza seguir o seu curso. O que defenderíamos se fossem vítimas humanas no lugar dos animais não humanos não é deixar a natureza seguir o seu curso, mesmo que reconheçessemos que tentativas de ajuda mal planejadas podem tornar o cenário ainda pior. O que defenderíamos é pesquisar a fundo como os programas de ajuda podem se tornar cada vez mais seguros e eficientes ao longo do tempo. Já que o especismo é injustificável, é isso que precisamos concluir também no caso dos animais não humanos.

7. O PAPEL DA ÉTICA E O PAPEL DA CIÊNCIA

A proposta de ajudar os animais selvagens é por vezes equivocadamente entendida como não sendo cientificamente informada. Segundo essa visão, o que é cientificamente informado é utilizar os conhecimentos da ecologia para alcançar metas ambientalistas, como a conservação de espécies.

Em boa parte dos casos, o conhecimento da ecologia é utilizado para alcançar metas ambientalistas, mas isso não precisa ser necessariamente assim. Existe uma diferença entre o

²¹ Ver: LÉVÈQUE, C. *Ecology: From Ecosystem to Biosphere*. Enfield: Science Publishers, 2003, p. 202-44. Ver também: GRIMM, V.; WISSEL, C. Babel, or the ecological stability discussions: an inventory and analysis of terminology and a guide for avoiding confusion. *Oecologia*, v. 109, n. 3, p. 323-334, 1997.

²² Ver, por exemplo: ROLSTON III, H. Disvalues in Nature. *The Monist*, [s.l.], v. 75, n. 2, p. 250-278, 1992, p. 254. Para uma resposta mais detalhada a essa objeção, ver: CUNHA, Ibid., p. 254-255.

conhecimento científico e a meta normativa que guia o uso desse conhecimento. A ecologia é uma ciência descritiva: ela descreve como se dão as interações nos ecossistemas. Já o ambientalismo é uma posição normativa, que diz que o que importa em si são os ecossistemas e as espécies, e não os indivíduos sencientes. É possível utilizar os mesmos conhecimentos da ecologia para alcançar metas completamente diferentes da meta ambientalista. Por exemplo, tais conhecimentos também são muito utilizado para realizar interesses humanos. Portanto, nada impede que esses mesmos conhecimentos sejam utilizados com o objetivo de alcançar a meta de beneficiar os animais, em vez de prejudicá-los.

8. O QUE JÁ É FEITO PARA AJUDAR, E O QUE MAIS PODERIA SER FEITO

Existem pessoas que concordam com a argumentação aqui exposta, mas afirmam não ser possível fazer nada para ajudar os animais. Para responder a essa objeção, basta mostrar algumas formas de ajudar os animais selvagens que já vem sendo conduzidas, muitas delas há muitas décadas²³. Como exemplo do que já vem sendo feito, temos: vacinação de animais selvagens; resgates de animais presos; assistência a animais doentes; ajuda a animais em desastres naturais, assistência a animais órfãos e assistência às necessidades básicas dos animais (alimento, tratamento médico etc.).

Na maioria das vezes, esses programas são conduzidos por razões antropocêntricas ou ambientalistas, e não por uma preocupação com o bem dos próprios animais. Por exemplo, os animais são vacinados para evitar o contágio em humanos ou nos animais que os humanos querem explorar, ou porque deseja-se preservar alguma espécie em extinção. Entretanto, inegavelmente os animais são beneficiados também.

Portanto, independente da motivação por trás desses programas de ajuda, eles já mostram que é possível ajudar os animais. Com isso, duas coisas ficam claras. A primeira é que o maior obstáculo à proposta de ajudá-los não é tecnológico, mas ideológico: dada a vigência do especismo, essa situação não é reconhecida como um problema importante. A segunda é que muito mais poderia ser feito se houvesse uma preocupação com o bem dos próprios animais.

Por exemplo, poderiam ser conduzidos estudos sobre os diferentes tipos de vegetação

²³ Para uma lista, ver ANIMAL ETHICS, Ibid., p. 60-85. Ver também <https://www.animal-ethics.org/ajudando-os-animal-na-natureza/>. Acessado em 22 mar. 2023.

possíveis de estarem presentes em determinado ecossistema, verificando-se que tipos de vegetação tendem a resultar em maiores quantidade de nascimentos daqueles animais que têm o sofrimento maximizado, e quais tendem a resultar em maiores quantidade de nascimentos daqueles animais que têm mais chances de terem vidas significativas. Com estudos desse tipo saberíamos quais cursos de ação resultariam em menos sofrimento ao longo do tempo.

Como vimos, o conhecimento já existente pode ser utilizado para ajudar os animais. Entretanto, muito mais conhecimento existiria nesse sentido se houvesse um interesse em estudar como os animais em seus ecossistemas são afetados positiva ou negativamente enquanto seres sencientes, que possuem um bem-estar. Por essa razão, foi proposta por vários cientistas, filósofos e acadêmicos em geral, a criação de um novo campo de pesquisa, chamado de *biologia do bem-estar*²⁴. Esse campo envolveria várias áreas, como a ecologia, a ciência do bem-estar animal e a ciência veterinária. A ideia seria estudar os animais do ponto de vista do que os afeta positiva ou negativamente, isto é, do ponto de vista daquilo que é melhor ou pior para eles enquanto indivíduos, e não enquanto exemplares de espécies ou componentes de ecossistemas. Seria, portanto, uma área com um propósito muito diferente da biologia da conservação.

O conhecimento proveniente da biologia do bem-estar poderia orientar os programas de ajuda aos animais selvagens. Isso teria dois efeitos positivos. Primeiro, isso preveniria o risco de desdobramentos negativos em longo prazo. Em segundo lugar, isso aumentaria a probabilidade de sucesso das tentativas de ajuda, fazendo com que os recursos pudessem ser utilizados de maneira cada vez mais eficiente em termos de prevenir o sofrimento e as mortes dos animais na natureza.

CONCLUSÃO

Tentar melhorar a situação dos animais selvagens em decorrência dos processos naturais deveria ser uma de nossas prioridades, por três razões. Primeiro, pela sua escala de dano. Como vimos, a quantidade de indivíduos que nascem só para sofrer e de mortes prematuras é

²⁴ Sobre biologia do bem-estar, ver FARIA, C.; HORTA, O. Welfare biology. In: Fischer, B. (org.). *The routledge handbook of animal ethics*. New York/London: Routledge - Taylor & Francis group, 2020, p. 455- 66. Ver também SORYL, A. A.; MOORE, A. J.; SEDDON, P. J.; KING, M. R. The Case for Welfare Biology. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, v. 34, n. 7, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10806-021-09855-2>. Acesso em 03 mar. 2023.

tão gigantesca que deixa pequena em comparação até mesmo os números da exploração animal, que já são enormes. Em segundo lugar, esse problema é altamente negligenciado, mesmo por ativistas da causa animal. Quanto mais negligenciado é um problema importante, maior o impacto positivo de uma pessoa adicional trabalhando nele. Poderíamos, portanto, ter um grande impacto positivo nos dedicando a essa questão. Em terceiro lugar, vimos que é um problema tratável, e, à medida que aumentar o conhecimento em biologia do bem-estar, será possível diminuir esse sofrimento e essas mortes prematuras de maneira cada vez mais eficiente. Entretanto, para que esse conhecimento comece a crescer, antes de tudo é importante que as pessoas divulguem a importância dessa questão.